

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: A INFLUÊNCIA DA PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA

Crislayne Borba Martins *

Renata Cristina de Lima **

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que acarreta em dificuldades na comunicação e interação social, e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Este estudo teve como objetivo investigar qual a influência da parceria família e escola para o desenvolvimento das crianças com TEA e quais as estratégias utilizadas pelos docentes para promover essa parceria, visando tanto o seu desenvolvimento, quanto o seu processo de escolarização. Este estudo se deu por meio de uma pesquisa de campo qualitativa. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um grupo de 5 professoras da educação infantil e do ensino fundamental I de uma escola particular de Sete Lagoas-MG, que lecionam ou lecionaram para crianças com TEA. A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo. Os resultados indicaram que a parceria entre família e escola tem uma influência direta no processo de escolarização destas crianças e, nestes casos, os professores buscam maior contato com as famílias por meio de reuniões periódicas, mas sugeriram também a utilização de outras estratégias como grupos de estudos, rodas de conversas e palestras, cujo tema central seria o transtorno. Com isso, foi possível perceber a partir da visão das professoras, que as crianças com TEA possuem maior probabilidade de se desenvolverem quando suas famílias estão diretamente inseridas em seu processo de escolarização, estabelecendo assim, de forma harmônica, a parceria entre família e escola, por meio da qual os dois ambientes podem beneficiar o desenvolvimento dessas crianças.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista. Família. Escola.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that causes difficulties in communication, social interaction and in skills to develop, maintain and understand relationships. The objective of this study is to investigate which strategies used by instructors could promote partnership between families and schools of autistic children, aiming at both their development as well as their schooling process. This study was carried out by a qualitative field research. In order to collect data, semi-structured interviews were conducted with a group of 5 pre-school and primary teachers from a private school in Sete Lagoas-MG, which teach or have taught to children with ASD. The data analysis was made by means of contents analysis. The results indicated that the partnership between family and school has a direct influence on the schooling process of these children and, in these cases, teachers seek more contact with families through periodic meetings, but they also suggested the use of other strategies such as study groups, conversations and lectures, in which the main theme would be the disorder. Thereby, it was possible to perceive, from the teacher's vision, that children with ASD tend to develop themselves when their families are directly inserted in their schooling process, that way, establishing, in a harmonious way, a partnership between family and school, by means of which both environments can benefit the development of these children.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Family. School.

1 INTRODUÇÃO

* Graduanda em Psicologia, Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. *Email: cris71@hotmail.com*

** Mestre em Psicologia do desenvolvimento humano, docente da Faculdade Ciências da Vida, Sete Lagoas-MG. *Email:psicologiarenatalima@gmail.com*

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, cujas principais características são as dificuldades existentes na comunicação e interação social, na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos (APA, 2013). Com base nisso, destaca-se a importância da relação harmoniosa e coerente entre família e escola no desenvolvimento da criança com TEA, estabelecendo um trabalho em conjunto que permita o desenvolvimento da criança.

A partir do exposto acima, este estudo teve como questão norteadora: qual a influência da parceria família e escola para o desenvolvimento da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA)? E os objetivos geral e específicos são, respectivamente: analisar a influência da parceria família/escola no desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autista, descrever a estratégias dos docentes que proporcionem a construção da parceria entre família/escola em casos de TEA, compreender este transtorno e suas implicações tanto na família como na escola. Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo qualitativa. Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada com um grupo de 5 professoras da educação infantil e do ensino fundamental I de uma escola particular de Sete Lagoas-MG, que lecionam ou lecionaram para crianças com TEA. E por fim, a análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo.

Segundo Acosta e Machado (2016) a escola tem o intuito de ser um espaço de convívio social para os pais de crianças com TEA, tendo em vista que, a dificuldade do filho limita a convivência destes com outros familiares. Logo, a parceria entre família e escola, além de beneficiar o tratamento dessas crianças e se tornar um ambiente favorável para o desenvolvimento de suas habilidades, traz consigo possibilidades de crescimento para os pais. Desta forma, este estudo pode contribuir para a ampliação do olhar dos profissionais da educação e da família em relação à relevância do contato direto entre estes para o desenvolvimento dessas crianças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, que apresenta um grupo de desordens que interfere diretamente a vida do indivíduo.

Inicialmente, quem introduziu o termo autismo foi o psiquiatra austríaco Leo Kanner, no ano de 1943. Ele analisou onze crianças os quais apresentavam sintomas que podiam sugerir a uma síndrome. Logo após, em 1944, o psiquiatra austríaco Hans Asperger, descreveu algumas crianças que apresentavam dificuldades sociais, apesar de suas habilidades sintáticas e de vocabulário estarem intactas (COSTA; ANTUNES, 2017). Kanner fez ainda uma caracterização do autismo, nomeando-o como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Tratava-se de uma condição neuropsicológica que integrava os transtornos do neurodesenvolvimento invasivo. (GRACIOLI; BIANCHI, 2014; ALCÂNTARA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013).

Atualmente, o TEA é classificado a partir da Classificação Internacional de Doenças (CID 10), que o enquadra nos Transtornos Globais do Desenvolvimento (F84) divididos em Autismo Infantil e Autismo Atípico (OMS, 1993). A versão atual do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V-TR) passou a classificar como Transtorno do Espectro Autista (TEA), o diagnóstico que anteriormente era de Transtorno Global do Desenvolvimento, que incluía o Autismo, o Transtorno Desintegrativo da Infância e as Síndromes de Asperger e Rett, reduzindo-os a apenas um diagnóstico, com diferentes graus de severidade (APA, 2013).

Os critérios diagnósticos do TEA incluem déficits em comportamentos não verbais de comunicação, dificuldade na comunicação, interação e reciprocidade social e em desenvolver, manter e compreender relacionamentos. O transtorno apresenta ainda padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades (APA, 2013). O TEA é considerado um transtorno global do neurodesenvolvimento muito evidenciado devido à sua taxa de prevalência. Pesquisas realizadas estimam que na população mundial, um a cada oitenta e oito nascidos vivos apresenta TEA, e no Brasil há incidência em dois milhões de pessoas. Estima-se ainda que o sexo masculino seja mais acometido (SOUZA; ALVES, 2014; GOMES *et al.*, 2015).

2.2 FAMÍLIA DE CRIANÇAS AUTISTAS

A família é uma constituição social por meio da qual são estabelecidas as relações familiares, estas podem formar o sujeito com determinados valores e princípios, os quais regem suas relações e experiências tanto individuais como coletivas. As famílias de crianças autistas não apresentam uma realidade diferente, entretanto este diagnóstico pode causar

rupturas no contexto familiar no que diz respeito às relações estabelecidas e atividades sociais realizadas anteriormente, o que pode levar a uma desestabilização emocional (SPROVIERI; ASSUMPCÃO, 2001).

O TEA pode ser diagnosticado a partir dos 18 meses. A identificação deste transtorno promove significativas mudanças na dinâmica familiar. Isso acontece devido ao transtorno afetar o desenvolvimento da criança e romper com a idealização da família de ter um filho saudável, podendo gerar sofrimento, desconforto e gastos financeiros. Inicialmente, o diagnóstico é uma realidade ainda desconhecida para a família, e pode implicar em um desafio em adaptar-se às necessidades especiais da criança e em moldar os projetos e expectativas em relação ao futuro (SOUZA; ALVES; GOMES *et al.*, 2015; MARTINS; ACOSTA; MACHADO, 2016). No que diz respeito às adaptações necessárias para uma criança autista, os principais contextos em que elas devem ocorrer são a família e a escola, por estes lugares apresentarem maior responsabilidade pela educação da criança (MARTINS; ACOSTA; MACHADO, 2016).

Ao considerar a escola e a família como principais contextos de promoção do desenvolvimento educacional e social da criança, Martins, Acosta e Machado (2016) se referem à importância da família encontrar uma instituição que a oriente em relação à educação do seu filho, e na qual possa confiar para dividir suas angústias, pois a descoberta de um transtorno desestrutura a vida familiar e de todos que estão próximos. Deste modo, o apoio recebido pela família pode minimizar os sofrimentos e ansiedades no que se refere ao desenvolvimento do filho.

2.2 ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS

A legislação apresenta três documentos que se referem à educação inclusiva, o primeiro é a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva; o segundo, é a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, que se refere à Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012, a qual concede a pessoa com TEA o direito à educação; e por fim, a nota técnica nº 24, emitida pelo Ministério de Educação, que orienta as instituições de ensino a realizarem práticas para a inclusão da pessoa com TEA (BRASIL, 2008; BRASIL, 2012).

Minatel e Matsukura (2015) afirmam que a inclusão escolar do autista requer mudanças de pensamentos e hábitos, envolvendo coordenadores, funcionários da escola,

professores, alunos e família. Assim é relevante realizar modificações que vão além das adaptações curriculares e de horários. As famílias buscam uma instituição que atenda às suas expectativas e que respeite seu filho, realizando a inclusão. Dessa forma, valoriza-se a parceria entre família e escola no processo de escolarização do aluno com TEA, pois esta pode trazer benefícios à criança.

Segundo Martins, Acosta e Machado (2016), os professores podem utilizar como uma estratégia de apoio para as famílias a orientação dos pais em relação à escolarização do seu filho, visto que estes se sentem inseguros ao colocarem as crianças em uma escola de ensino regular e ao ter que aprender a lidar com a condição da criança, que ainda é novidade para muitos. Dessa forma, para que os professores possam oferecer apoio aos pais e trabalharem efetivamente no desenvolvimento das crianças, é necessário que eles tenham uma formação mais aprimorada, a fim de adquirirem conhecimentos referentes à prática da inclusão escolar e terem segurança para as técnicas aprendidas serem repassadas aos pais.

A partir do aprimoramento oferecido aos professores, é possível que eles contribuam também no que diz respeito às formas de agir com estas crianças em casa. É importante considerar que a família deve ser o alicerce no tratamento e adaptação da criança com TEA. Por isto, é relevante que ela receba apoio tanto psicológico quanto prático, no que diz respeito às formas de agir com a criança e quais atividades realizar para que haja um melhor desenvolvimento. Desta forma, a família pode dar sequência em casa às tarefas e aprendizados aplicados na escola, proporcionando melhora nas habilidades e no desenvolvimento dessa criança (CYRINO, 2014).

2.4 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA E O DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS

De acordo com Antunes e Costa (2017), o impacto do diagnóstico na vida da família de crianças com TEA deve ser um fator importante a ser considerado pelos profissionais que trabalham diretamente com elas, pois o diagnóstico pode causar certa desorganização na dinâmica familiar no que se refere aos aspectos emocionais, psicológicos, financeiros e na rotina, podendo assim, influenciar o desenvolvimento da criança tanto em casa como na escola.

As crianças com TEA apresentam algumas dificuldades na aprendizagem de habilidades como escovar os dentes, usar o banheiro e trocar de roupas, tarefas que se tornam

difíceis para muitos pais. Além disso, o estabelecimento de regras pode ficar comprometido, havendo uma oscilação entre a permissividade e a rigurosidade dos pais para com os filhos, o que pode ser prejudicial em casos de TEA (ANTUNES; COSTA, 2017). Desta forma, a escola, de acordo com Lemos *et al.* (2014) pretende ser um espaço que possibilita o desenvolvimento infantil, pela convivência com outras crianças e pelo aprimoramento de habilidades.

Alcântara, Frighetto e Santos (2013) compreendem a família como fonte de importantes informações sobre a criança. Neste sentido, destacam a importância da parceria família e escola no contexto escolar, pois a educação de um aluno com TEA exige do professor um programa pedagógico especial, que seja adaptado às necessidades do autista, com o objetivo de desenvolver melhor suas habilidades e competências, principalmente no que diz respeito às relações interpessoais. Christovam e Cia (2013) relatam que alguns professores compreendem como uma relação saudável entre escola e a família a que acontece pela via de diálogos e troca de informações que auxiliam positivamente no desenvolvimento da criança e nas adaptações a serem realizadas.

A parceria família e escola segundo Pereira (1996), se torna positiva tanto para as crianças como para a família, quando possibilita aprendizados acerca dos direitos da criança com TEA, conhecimentos referentes à deficiência do filho, aprofundamento no processo de seu desenvolvimento, além de conhecer possibilidades e recursos que beneficiem o desenvolvimento. Logo, a comunicação eficiente entre a família e a escola em casos de TEA pretende contribuir para o desenvolvimento da criança tanto em casa como na escola.

A família, a escola e o professor ao trabalharem em conjunto, possibilitam ao aluno o alcance de um bom resultado, por haver um suporte mútuo para os desafios enfrentados tanto pelos profissionais da educação como pelos pais. Acredita-se que o principal desafio é aprender a respeitar as características particulares destas crianças, e, para tanto, os professores apenas compreenderão como lidar com individualidade delas a partir da parceria com a família (ALCANTARA; FRIGHETTO; SANTOS, 2013).

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994) a pessoa com necessidades especiais possui o direito de expressar suas vontades em relação à sua educação e os pais, o direito de serem consultados quanto a educação mais apropriada para as necessidades de seus filhos. A partir disso, destaca-se que o envolvimento entre família e escola possibilita aos pais uma participação ativa no planejamento educacional dos filhos e uma comunicação clara. Esta

parceria pode configurar-se por meio de aconselhamento, a fim de amenizar o estresse familiar e motivar os pais a prosseguirem no tratamento da criança (GOMES; BOSA, 2004).

Segundo Martins, Acosta e Machado (2016) a escola tem o intuito de ser um espaço de convívio social também para os pais de crianças com TEA, tendo em vista que, a dificuldade do filho limita a convivência destes com outros familiares. Logo, a parceria família e escola, além de beneficiar o tratamento dessas crianças, se torna um ambiente favorável para o desenvolvimento desta. Dessa forma, valoriza-se a parceria entre família e escola no processo de escolarização do aluno com TEA por trazer benefícios à criança. Segundo Felizardo, Silva e Cardoso (2015), a parceria estabelecida entre família e escola apresentam alguns objetivos específicos, o primeiro é o desenvolvimento da criança, o segundo é o sucesso escolar e o terceiro é a aprendizagem.

Dessa forma, a parceria entre família e escola influencia diretamente o desenvolvimento da criança com TEA. Esta pode ser positiva ou negativa dependendo do grau de envolvimento entre ambas instituições. O estabelecimento desta parceria pode se dar por meio de troca de informações e diálogos, fazendo com que casa e escola se tornem ambientes harmônicos, o que favorece o desenvolvimento da criança autista. E consequentemente a família se beneficia por adquirir conhecimentos acerca dos direitos dos seus filhos e do processo de desenvolvimento destes (PEREIRA, 1996; ALCANTARA; FRIGHETTO; SANTOS; CHRISTOVAM; CIA, 2013).

3 METODOLOGIA

2.3 MÉTODO

A metodologia para Fonseca (2002) é o estudo que se percorre para realizar uma pesquisa. Essa pesquisa é classificada como pesquisa de campo, por meio da qual se coleta dados junto aos participantes desta (FONSECA, 2002). A abordagem dos dados é qualitativa, de acordo com Minayo (2001), esta responde a questões particulares, ou seja, trabalha com o universo de significados. Quanto à sua natureza, este estudo é considerado descritivo, segundo Gil (2008).

O desenvolvimento da pesquisa se deu mediante a um embasamento teórico realizado através de fontes de livros e revistas, impressas ou disponíveis na internet em bancos de dados como: Scielo, PEPSIC, LILACS e sites de universidades brasileiras, utilizando como palavras-chave “Autismo”, “Escola”, “Família”, “Escarização”, “Parceria”

e “Professores”. A *posteriori*, a coleta de dados aconteceu via entrevista semiestruturada, realizada com os professores no período de agosto a setembro de 2017, a fim de identificar as estratégias que estes utilizam para proporcionarem a parceria família e escola em casos de alunos com TEA. A análise de dados se deu por meio de uma análise de conteúdo, a qual se refere à análise e interpretação dos conteúdos emitos em falas ou textos, a fim de conhecer as características do grupo investigado (BARDIN,1997).

3.2 COLETA DE DADOS

3.2.1 Participantes

Participaram desta pesquisa cinco professoras da educação infantil e do ensino fundamental I de uma escola particular de Sete Lagoas-MG. A escola foi escolhida por conveniência e acessibilidade. Todas as participantes lecionam ou lecionaram para alunos com TEA.

Quadro 1- Dados das entrevistadas

ENTREVISTADAS	SÉRIES QUE LECIONAM
Entrevistada 1	Maternal II
Entrevistada 2	1º Período
Entrevistada 3	Maternal III
Entrevistada 4	Maternal III
Entrevistada 5	5º ano do Ensino Fundamental I

Fonte: Dados das pesquisas

3.2.2 Instrumentos

Para realização da pesquisa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com objetivo de coletar dados dos participantes em relação à parceria família e escola em casos de alunos com TEA. Os participantes responderam acerca da escolarização dessa criança, da parceria família e escola e a influência desta no desenvolvimento do aluno. Esse instrumento foi desenvolvido com 10 perguntas que investigaram as estratégias que os docentes utilizam para proporcionar essa parceria visando o desenvolvimento dessas crianças.

3.2.3 Procedimentos

Para iniciar a coleta de dados foi realizado o convite à instituição educacional privada de Sete Lagoas para participação da pesquisa, por meio de uma conversa formal com o diretor da escola. Nesse diálogo foram apresentados os objetivos da pesquisa e como esta aconteceria. A partir disso, foi solicitado pelo diretor da escola sigilo quanto ao nome da instituição na pesquisa. Posteriormente, foi levada à instituição uma carta de apresentação da pesquisa, fornecida pela Faculdade Ciências da Vida, e também foi entregue aos professores convidados o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ser assinado. Então iniciou-se a realização das entrevistas individuais semiestruturadas, que foram gravadas com a autorização das participantes, e posteriormente transcritas e analisadas.

3.3 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados aconteceu por meio da análise de conteúdo, ou seja, análise dos conteúdos emitidos nas falas das entrevistadas (BARDIN, 1997). Inicialmente surgiram a partir das entrevistas, as categorias iniciais, que ao serem agrupadas tornaram-se cinco categorias finais. A partir disso, criou-se uma tabela com as categorias iniciais e as finais. E por fim, cada categoria final foi descrita e analisada, relacionando-as com a literatura e com as falas das entrevistadas.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas na sua íntegra, com o intuito de coletar dados e criar categorias de análise a partir destes. De acordo com Bardin (1977) a categorização possibilita classificar os elementos de significação da fala e/ou mensagem. Inicialmente surgiram sete categorias, as quais foram organizadas em cinco categorias finais (Quadro 2). Estes dados foram analisados pretendendo responder aos objetivos deste projeto. Abaixo, encontra-se a explicação detalhada de cada categoria.

Quadro 2- Processo de categorização das entrevistas

Categorias iniciais	Categorias finais
<ul style="list-style-type: none"> • Características das crianças 	Descrição das crianças

<ul style="list-style-type: none"> • Como aconteceu a escolarização da criança com TEA 	Processo de escolarização da criança com TEA	Fon te: Dad os da pes quis a
<ul style="list-style-type: none"> • Aceitação da família • Participação da família 	Papel da família no processo de escolarização	
<ul style="list-style-type: none"> • Influência da parceria família e escola no desenvolvimento da criança 	Parceria família e escola em casos de criança com TEA	
<ul style="list-style-type: none"> • Estratégias utilizadas pelos professores • Sugestões de estratégias 	Estratégias que favorecem a parceria família e escola em casos de TEA	

4.1 DESCRIÇÃO DAS CRIANÇAS

A análise da primeira categoria permitiu perceber o quanto o grau do autismo influencia diretamente no apoio da família em relação à escolarização desta criança. Percebe-se que quanto mais severo o grau do TEA maior dedicação a família tem e maior apoio eles oferecem à escola, além disso se comprometem mais com a educação do filho, pois percebem com maior clareza as dificuldades deste. Isso fica perceptível na fala da entrevistada 5, quando cita os casos dos dois alunos para os quais ela leciona:

O grau de um é mais elevado, o outro consegue acompanhar melhor, é mais tranquilo, o outro já é mais agitado, não consegue ficar num lugar quando tem mais barulho, não dá conta. Um a família é mais presente, o que tem o grau mais avançado, a família dá todo um suporte e tem a aceitação, reconhece a limitação dele, aceita o transtorno. Agora a outra família, o pai e a mãe sim, aceitam, mas como ele fica com a avó, e a avó não aceita.

Percebe-se ainda que as maiores dificuldades das crianças com TEA de acordo com o DSM-V, são os déficits em comportamentos não verbais de comunicação, dificuldade na comunicação, interação e reciprocidade social, em desenvolver, manter e compreender relacionamentos, apresentando ainda padrões restritos e repetitivos de comportamentos e interesses. Dependendo do grau do autismo, as crianças podem apresentar também maiores dificuldades de linguagem e de aprendizagem (APA, 2013).

Essas características foram apresentadas por duas das cinco entrevistadas, as quais dizem que as crianças que elas trabalham atualmente são diagnosticadas com grau moderado a severo e que possuem sensibilidade auditiva, não conseguem acompanhar a turma e a verbalização é prejudicada. Entretanto em crianças com Síndrome de Asperger não são observados déficits na linguagem ou atrasos no desenvolvimento (ANTUNES; COSTA,

2017). Evidencia-se isso na fala da entrevistada 3: “O G. é muito inteligente, não precisava adaptar nada para ele, em julho quando saiu de férias ele já estava lendo, conseguia acompanhar o ritmo da turma, indo até além da turma.”

4.2 PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA

Nesta categoria foi possível perceber que as entrevistadas 1, 2 e 4 as quais acompanharam de perto a escolarização das crianças, perceberam a dificuldade desde o início em realizarem este processo quando não há o apoio da família. Elas relatam que quando a família está aberta ao diálogo, a criança se desenvolve com maior facilidade. Uma delas diz ainda que o processo de escolarização do aluno foi mais tranquilo pelo fato da família ter chegado à escola aberta ao diálogo e apresentado ao professor o conhecimento que tinha a respeito do transtorno. Desta forma, Christovam e Cia (2013) afirmam que o diálogo e a troca de informações entre família e professores, permite estabelecer uma relação saudável entre estes, além de proporcionar o desenvolvimento da criança.

As falas das entrevistadas evidenciaram que a interação com as outras crianças também é uma dificuldade encontrada no processo de escolarização das crianças com TEA, pois um dos déficits que o transtorno apresenta segundo o DSM- V, é na interação e comunicação social. A entrevistada 4 relata isso em sua fala, transmitindo a realidade da criança em relação à sua interação, que inicialmente não acontecia, após estimulação começou a surgir, primeiramente com os meninos maiores e hoje com as crianças da sua turma.

Em relação à escolarização do J., eu percebo que no ano passado ele se isolava mais, se isolava totalmente, agora ele já participa. Antes interagia só com os meninos maiores, agora já interage com os meninos daqui da sala, já brinca com os meninos da turma. Quando chegou na escola ficava bastante isolado (ENTREVISTADA 4).

Diante do exposto é válido ressaltar que o processo de escolarização de crianças com TEA é complexo e envolve a busca da família por uma instituição que atenda às suas expectativas, que respeite seu filho e realize a inclusão (MINATEL; MATSUKURA, 2015). Dessa forma, é importante que tanto a escola como família realizem seus papéis e mantenham um diálogo saudável, visando o desenvolvimento da criança em relação ao aprendizado e o desenvolvimento de habilidades sociais. Logo, segundo Minatel e Matsukura (2015), deve-se valorizar a parceria entre família e escola no processo de escolarização do aluno com TEA, pois esta pode trazer benefícios à criança.

4.3 PAPEL DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

A família tem um papel fundamental no processo de escolarização da criança com TEA, pois há uma necessidade de aceitação e envolvimento da família para que o trabalho realizado na escola possa ter continuidade em casa, visando o desenvolvimento da criança. Entretanto há um sofrimento presente na família, pois segundo Sprovieri e Assumpção (2001), o diagnóstico pode causar rupturas no contexto familiar em relação ao convívio social, o que pode ocasionar uma desestabilização emocional. A partir disso, a família pensa em encontrar uma instituição que os apoie e que incluam e ajudem seus filhos. A entrevistada 2 demonstra isso ao dizer que: “A família tem um sofrimento pois não é fácil lidar, elas querem ter seus filhos felizes, então elas buscam uma escola que tenha inclusão e que ajude o filho.”

A escola e a família apresentam, de acordo com Martins, Acosta e Machado (2016), maior responsabilidade pela educação da criança, portanto estes são os principais contextos a serem adaptados para o seu desenvolvimento. Assim, torna-se necessário a família atuar como apoio da escola e vice-versa, para que possam ter sucesso ao educarem às crianças para além da alfabetização, trabalhando com elas as atividades de vida diária e habilidades sociais. Dessa forma, identifica-se essa necessidade, quando a entrevistada 2 diz que: “Até mesmo as questões da atividade de vida diária da criança se em casa não trabalham, que seja escovar os dentes, arrumar o lanche, a escola sozinha não consegue.” Com isso, considera-se o papel da família essencial para que o processo de escolarização da criança com TEA seja um sucesso.

4.4 PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA EM CASOS DE CRIANÇA COM TEA

A parceria família e escola em casos de TEA é essencial segundo as entrevistadas, pois a continuidade das tarefas da escola em casa influencia diretamente no desenvolvimento da criança. Além disso, é válido ressaltar que a parceria se dá através das duas partes, tanto por iniciativa da escola como por iniciativa dos pais. A partir disso, a entrevistada 2 diz que o tempo que a criança fica na escola, que são quatro horas e meia, é pouco para os professores conseguirem realizar tudo sozinhos, por isso é necessário que ambos contextos trabalhem em unidade. Relata ainda que: “(...)eu já tive um aluno com muita parceria, e mesmo sendo severo, ele começou o processo de alfabetização, a gente via o crescimento, mas tinha apoio da família.”

Tanto a escola como a família podem estabelecer essa parceria, a qual para Pereira (1996) pode se dar por meio da troca de informações e diálogos, fazendo com que casa e escola se tornem ambientes harmônicos, o que favorece o desenvolvimento da criança autista. Entretanto duas das cinco entrevistadas dizem que a iniciativa nos casos que não tem aceitação, se dá mais por parte dos professores do que pelos pais, pois estes podem estar impactados com o diagnóstico e não saberem ainda como agir. Dessa forma, Antunes e Costa (2017) afirmam que este impacto deve ser um fator importante a ser considerado pelos profissionais da educação, pelo fato deste causar certa desestabilização emocional na dinâmica familiar, o que pode interferir diretamente no desenvolvimento da criança e na forma como os pais lidam com as dificuldades que seus filhos apresentam.

A entrevistada 4 traz como exemplo na sua fala a diferença que existe quando tem a parceria e quando não tem, o quanto isso influencia no desenvolvimento da criança. Ela relata que experimentou as duas fases, o primeiro ano da criança na escola que a família estava dedicada, e no segundo ano, quando a família não estava dando tanta assistência, o quanto essa situação influenciou no desenvolvimento da criança.

Experimentei as duas fases, quando a família estava envolvida deu certo e neste ano que a família não está tão envolvida a criança não está se desenvolvendo muito bem. O papel da família no processo de escolarização é extremamente importante, estou vivendo isso a flor da pele, vejo que estamos fazendo uma coisa aqui e em casa outra, o que está atrapalhando no desenvolvimento dele. Não está batendo o J. de casa e o J. daqui da escola. As crianças ditas “normais”, se não tiver essa parceria já não funciona, imagina as crianças com o transtorno que necessitam de uma atenção maior e de uma rotina bem estabelecida e organizada (ENTREVISTADA 4).

Com isso é válido ressaltar também que o intuito dessa parceria é proporcionar à criança um desenvolvimento que vai além da alfabetização, pois para Lemos *et al.* (2014) a escola pretende ser um espaço que possibilita o desenvolvimento infantil, pela convivência com outras crianças e pelo aprimoramento de habilidades. As crianças com TEA apresentam algumas dificuldades, que de acordo com Antunes e Costa (2017) estão relacionadas à aprendizagem de habilidades como escovar os dentes, usar o banheiro e trocar de roupas. Assim, a parceria família e escola para a entrevistada 5: “(...) é tudo, se tiver essa parceria vemos o resultado sim mesmo dentro das limitações.”

4.5 ESTRATÉGIAS QUE FAVORECEM A PARCERIA FAMÍLIA E ESCOLA EM CASOS DE TEA

Na análise desta categoria ficou perceptível que todas as entrevistadas propõem como estratégia utilizada a fim de favorecer a parceria família e escola em casos de TEA, as reuniões periódicas, com o objetivo de trocarem informações a respeito da criança e seu desenvolvimento, além de manter um diálogo saudável com a família. Diante disso, Christovam e Cia (2013) compreendem uma relação saudável entre escola e a família, a que acontece pela via de diálogos e troca de informações que auxiliam positivamente no desenvolvimento da criança e nas adaptações a serem realizadas.

Segundo Martins, Acosta e Machado (2016), os professores podem utilizar como uma estratégia de apoio para as famílias, a orientação dos pais em relação à escolarização do seu filho, visto que estes se sentem inseguros ao colocarem as crianças em uma escola de ensino regular e ao ter que aprender a lidar com a condição da criança, que ainda é novidade para muitos. Entretanto, duas das cinco entrevistadas dizem das dificuldades encontradas ao inserirem alguns pais na escolarização do filho, por não aceitarem e muitas vezes não compreenderem o transtorno que a criança foi diagnosticada. Dessa forma, a entrevistada 3 propôs a realização de uma conversa inicial com a família, para terem conhecimento de até onde podem ir e como fazer para ajudar essa família e inseri-la no processo de escolarização do filho.

Mesmo com as dificuldades encontradas, ao tentarem introduzirem os pais no contexto escolar, as entrevistadas sugeriram algumas estratégias que podem ser eficazes para proporcionar a parceria família e escola em casos de TEA, foram elas: “Haver mais reuniões e palestras para os pais participarem do processo de escolarização dessas crianças.” (ENTREVISTADA 1); “Proporcionar eventos, palestras e cursos envolvendo a família, palestras que tragam a família para escola, grupo de estudos, para que a escola veja o lado da família e a família o lado da escola.” (ENTREVISTADA 4) e “Fazer uma reunião com todos os pais, para que pudessem conhecer as realidades diferentes. Realizar uma troca de experiências.” (ENTREVISTADA 5)

Dessa forma, é válido ressaltar que as estratégias utilizadas pelos professores são tentativas de introduzir a família no processo de escolarização do filho, para que essas crianças possam se desenvolver. Portanto deve-se pensar na individualidade das famílias em lidar com as dificuldades do filho e com os desafios. Assim, Alcântara, Frighetto e Santos (2013) acreditam que a família, a escola e o professor ao trabalharem em conjunto possibilitam um bom resultado ao aluno, além de promoverem o suporte mútuo para os desafios enfrentados tanto pela família como pelos profissionais da educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada, foi possível perceber que a parceria família e escola influencia diretamente no processo de escolarização da criança com TEA. Dessa forma é válido ressaltar que os professores buscam maior contato com as famílias por meio de reuniões periódicas, além de sugerirem grupos de estudos, rodas de conversas e palestras cujo tema seria o transtorno, como possíveis estratégias. Entretanto, essa relação se torna benéfica para a criança se a família reconhecer as limitações e dificuldades derivadas do transtorno, e concordar com a ajuda oferecida pela escola, fazendo com que a criança se desenvolva.

A coleta de dados foi realizada em apenas uma escola, sendo esta particular, o que pode ser considerado uma limitação desta pesquisa, por ter um restrito número de participantes. Nesta instituição, os professores são capacitados para lidarem com as crianças que possuem necessidades educativas especiais. Por esta acreditar e investir numa educação inclusiva, que pode ser considerado um diferencial desta instituição.

A parceria família e escola de acordo com Acosta e Machado (2016), além de beneficiar o tratamento dessas crianças e se tornar um ambiente favorável para o desenvolvimento de suas habilidades, traz consigo possibilidades de crescimento para os pais. Desta forma, este estudo pretende contribuir para a ampliação do olhar dos profissionais da educação e da família quanto à relevância da interação entre eles para o desenvolvimento das crianças com TEA. Sugere-se ainda para próximos estudos a realização da pesquisa com os pais, a fim de proporcionar a eles um espaço para se posicionarem em relação a essa parceria. Também com outros profissionais na educação, com intuito de ampliar a discussão sobre as estratégias utilizadas por estes para proporcionar a parceria família e escola em casos de TEA, pensando em um contexto mais amplo.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, S. K.; FRIGHETTO, A. M.; SANTOS, J. C. Autismo: Os Benefícios da Interação Professor/Aluno/Família. *Nativa - Revista de Ciências Sociais do Norte do Mato Grosso*. n. 2, 2013.

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais-5ª Edição Revisada (DSM-V-TR)**. Porto Alegre: Artmed; 2013.

ANTUNES, A.M.; COSTA, A.J. **Transtorno do Espectro Autista na prática clínica**. São Paulo: Pearson, 2013.

ARAÚJO, A.C.; NETO, F.L. A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. n. 1, 2014.

ASSUMPCÃO, F. B.; SPROVIEIRI, M.H.S. **Dinâmica familiar de crianças autistas**. Instituto de psiquiatria HC-FMUSP. Arquivo neuropsiquiátrico, n. 59, 2001.

BARDIN, L. **Definição e Relação com Outras Ciências** In.: ____ Análise de conteúdo. Lisboa Edições 70,1997.p.43 a 51.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008. Disponível em:<www.mec.gov.br> Acesso em: 08/05/2017.

BRASIL. Decreto-Lei no 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Diário Oficial [da Presidência da República Casa Civil]. Brasília, p. 2. Seção 1. Disponível em:<www.mec.gov.br> Acesso em: 08/05/2017.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Ed 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CHRISTOVAM, A.C.C.; CIA, F. O Envolvimento Parental na Visão de Pais e Professores de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. **Revista Brasileira de educação especial**. Marília, v. 19, n. 4, 2013.

CYRINO, L. A. R.; ALVES, A. C. M.; PARISOTTO, C. H, M. Transtornos de Aprendizagem: O Autismo Infantil no Âmbito Escolar. **Revista Científica CENSUPEG**. n. 3, 2014.

ESPAÑA. **Declaración de Salamanca**, de junho de 1994. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas. Disponível em:<portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acesso em: 25/05/2017.

FELIZARDO, S. A.; SILVA A. I.; CARDOSO, A.P. Inclusão e articulação educativa entre professores e pais de crianças com perturbações do autismo.**Revista de estudios e investigación en psicología y educación**. Portugal. n.11, 2015.

- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOMES, P.T; LIMA, L.H; BUENO, M.K., ARAÚJO, N.M. Autism in Brazil: a systematic review of Family challenges and coping strategies. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, 2015.
- GOMES, V.F.; BOSA, C. **Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com Transtornos Globais do Desenvolvimento**. Estudos de Psicologia Rio Grande do Sul: 2004.
- GRACIOLI, M. M., BIANCHI, R.C. Educação do autista no ensino regular: um desafio à prática pedagógica. Nucleus: **Revista científica da fundação Ituverava**. n. 2, 2014.
- LEMO, L.M.D.; SALOMÃO, N.M.R.; AGRIPINO-RAMOS, C.S. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre Interações sociais no contexto. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, nº 1., 2014.
- MARTINS, M.F.A ; ACOSTA, P.C.; MACHADO, G. **A parceria entre escola e família de crianças com transtorno do espectro do autismo**. Cadernos de Pesquisa em Educação. n. 43, 2016.
- MINATEL M. M.; MATSUKURA T. S. Familiares de crianças e adolescentes com autismo: percepções do contexto escolar. **Revista Educação Especial**. Santa Maria. n. 52, 2015.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Organização Mundial da Saúde de Genebra. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID 10**: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto alegre, 1993.
- PEREIRA, F. **As representações dos professores de educação especial e as necessidades das famílias**. Lisboa, Portugal. 1996.

PIMEMTEL, A.G.L. **Autismo e escola**: perspectivas pais e professores. São Paulo:2013.

SOUZA, P.; ALVES, P. Dialogando sobre o autismo e seus reflexos na família: contribuições da perspectiva dialógica. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**. Rio de janeiro. n. 1, 2014.